

**THEATRO V O LUBIS-HOMEM,  
COMEDIA ORIGINAL EM 3 ACTOS  
POR ALBERTO PIMENTEL; A  
MORGADINHA DE VAL-D'AMORES,  
COMEDIA EM 3 ACTOS**

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649186211

Theatro v o lubis-homem, comedia original em 3 actos por Alberto Pimentel; a Morgadinha de val-d'amores, comedia em 3 actos by Camilo Castelo Branco

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.  
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

[www.triestepublishing.com](http://www.triestepublishing.com)

**CAMILO CASTELO BRANCO**

**THEATRO V O LUBIS-HOMEM,  
COMEDIA ORIGINAL EM 3 ACTOS  
POR ALBERTO PIMENTEL; A  
MORGADINHA DE VAL-D'AMORES,  
COMEDIA EM 3 ACTOS**



OBRAS  
DE  
CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

LXXX

THEATRO

v

CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

THEATRO

V

O LUBIS-HOMEM

Comedia original em 3 actos

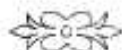
COM UM PREFACIO

POR

ALBERTO PIMENTEL

A MORGADINHA DE VAL-D'AMORES

COMEDIA EM 5 ACTOS



1908

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 41 a 51

LISBOA

---

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

DA

PARCERIA A. M. PEREIRA

*Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar*

LISBOA

## PREFACIO

No drama ingente em que Camillo Castello Branco foi protagonista, quer se trate da sua vida ou da sua obra, que não é senão o reflexo da sua vida, todos os dias se nos depara uma nova revelação e surpresa.

Por mais que se estude Camillo, parece que nunca está estudado sufficientemente—tão grande elle foi.

Ha menos de um anno publicava eu *Os amores de Camillo* e ahi, a proposito do processo movido pelo marido de D. Anna Placido, dizia que o advogado dos réos propozera em audiencia as bases de uma conciliação.

Acrescentava que não seria facil imaginar o teor d'essas bases.

Pouco tempo depois, lia eu, por acaso, um livro intitulado *Penafiel*, escripto pelo sr. Coriolano de Freitas Beça e estampado em 1896: pois ahi, onde menos o podia esperar, encontrei interessantes cartas de Camillo ao dr. Rodrigo de Beça (na antiga imprensa do Porto *Padre Serapião d'Algures*) e entre eilas uma que falla de um



«accordo de convento», proposto ainda antes do réo se entregar á prisão.

Encontrando este fio conductor, ficamos inclinados a acreditar que durante o julgamento se teria insistido na proposta de recolher-se D. Anna Placido a um convento e de Camillo se ausentar de Portugal, pelo menos do Porto, talvez.

Mas, a breve trecho, maior e melhor achado vinha surprehender-me.

Appareceu uma comedia inédita de Camillo, inteiramente desconhecida, a respeito da qual jámais o grande escriptor me fallára.

Foi uma surpresa para mim, como o será para toda a gente.

E não ha duvida de que essa comedia é de Camillo, pois que legalmente o prova o documento, reproduzido n'este livro, em que Camillo, por seu proprio punho, trespassa o respectivo direito de propriedade ao sr. Jorge Augusto de Sousa, que mais tarde o cedeu ao editor Campos Junior, já fallecido.

De mão em mão, o manuscripto veio parar ás dos srs. Guimarães, Libanio & C.<sup>a</sup>, que felizmente o vão salvar do esquecimento.

Póde affirmar-se com inteira segurança que a lettra d'esse documento é de Camillo.

Reconheci-a logo que a vi; o mesmo aconteceu a Antonio de Azevedo Castello Branco, sobrinho do grande escriptor.

Eu posso servir de tabellião ou de notario, como agora se diz, para o effeito de reconhecer a assignatura de Camillo, tanto lhe conheço a lettra.

Pelo documento referido se vê que ha ainda uma comedia inédita, em um acto, *O preço de um capricho*, que oxalá appareça algum dia como appareceu agora o *Lubis-homem*.

Antonio de Azevedo Castello Branco, ouvindo-me ler esta comedia, encontrou na sua memoria uma vaga recordação de Camillo lhe ter fallado n'ella, parece que com o proposito de refundil-a.

E' certo que o *Lubis-homem* não vem acrescentar a gloria litteraria do grande escriptor, o que aliás seria inutil, porque a opinião publica já lhe concedeu o titulo de primaz.

Mas tem essa comedia um alto valor psychologico, sobretudo biographico, porque o autor, retratando-se a si mesmo no papel de protogonista, o estudante disfarçado em lubis-homem, faz-se rodear de todo o scenario que circumscreveu a sua vida em Ribeira de Pena, no tempo em que ali casou com Joaquina Pereira, do lugar de Friume.

Deixem-me dizer, com certo desvanecimento, que eu, não conhecendo esta comedia, a advinhei, quando pintando o Camillo das ribaldarias aldeãs de Ribeira de Pena, o estudante travêssio e conquistador, serandeiro entre as raparigas, discursador entre os velhos, auctor e ensaiador de entremezes, conclui por dizer: «Que pena não chegarem até nós alguns d'esses picantes entremezes, por elle escriptos, que hoje despertariam uma alta estimacão bibliographica! <sup>1</sup>»

Appareceu um, com o que eu não contava. Estou

<sup>1</sup> *Os amores de Camillo*, pag. 64.

convencido de que o *Lubis-homem* foi, na sua ideia inicial, um d'esses entremezes; mais tarde refundido muito á pressa, em Lisboa, para acudir a qualquer falta de dinheiro—tanto á pressa que o grande escriptor nem sequer reviu a copia que, feita por outra pessoa, entregou a Jorge Augusto de Sousa.

Não se tendo a comedia publicado nem representado, Camillo, quando a sua cotação litteraria começou a subir, pensaria em reconstruil-a com mais folego e em melho-res condições theatraes, para o que lhe seria facil descobrir o paradeiro do manuscripto.

Como peça de theatro é effectivamente muito ingenua a factura do *Lubis-homem*. O publico não a supportaria hoje, nem talvez em 1850.

Mas como primicia de um talento que depois foi colossal e, sobretudo, como auto-biographia referida aos vinte e cinco annos do auctor, tem esta comedia um valor inestimavel.

Não foi a primeira peça de Camillo, porque a precederam o *Agostinho de Ceuta*, em 1847, e *O marquez de Torres Novas*, em 1849, mas o que sabia Camillo da arte de construir peças, o que conhecia elle do theatro, depois da sua estreia na provincia como auctor dramatico?

Elle mesmo responde a esta pergunta quando diz no prologo á segunda edição do *Agostinho de Ceuta*: «Ha doze annos que um rapaz, sem leitura, sem meditação, sem critica, nem gosto, escreveu um drama para ser representado em theatro de provincia.»

Em 1850, achando-se em Lisboa, encontrou-se em plena actividade intellectual, fascinado pelo «meio» lit-